

Da autora de *As costureiras de Auschwitz*



romance

LUCY ADLINGTON

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

A
Fita
Vermelha

LUCY ADLINGTON

Tradução:
Flávia Souto Maior



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Lucy Adlington, 2017
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Copyright da tradução © Flávia Souto Maior, 2024
Todos os direitos reservados.
Título original: *The Red Ribbon*

Preparação: Audrya Oliveira
Revisão: Ricardo Liberal e Mariana Rimoli
Coordenação editorial: Algo Novo Editorial
Projeto gráfico e diagramação: Negrito Produção Editorial
Capa: Candlewick Press
Imagem de capa: CSA Images/Getty Images
Adaptação de capa: Isabella Teixeira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Adlington, Lucy A fita vermelha / Lucy Adlington ; tradução de Flávia Souto Maior. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2024. 256 p. : il. ISBN 978-85-422-2795-6 Título original: The Red Ribbon 1. Ficção inglesa 2. Ficção histórica I. Título II. Maior, Flávia Souto 24-3293 CDD 823

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção inglesa



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



Éramos quatro: Rose, Ella, Mina e Carla.
Em outra vida, poderíamos ter sido amigas.
Mas estávamos em Birchwood.

Era muito difícil correr com aqueles sapatos idiotas. A lama era densa como melado. A mulher atrás de mim estava com o mesmo problema. Um de seus sapatos ficou preso. Aquilo a atrasou. Ótimo. Eu queria chegar primeiro.

Que prédio era? Não havia possibilidade de pedir mais informações. Todo mundo estava correndo para lá também, como o estouro de um rebanho. Ali? Não – aqui. Este. Parei de repente. A mulher que vinha atrás quase trombou violentamente comigo. Ambas olhamos para o prédio. Tinha de ser o lugar certo. Será que devíamos simplesmente bater? Será que tínhamos chegado tarde demais?

Por favor, que eu não esteja atrasada.

Fiquei na ponta dos pés e espiei por uma janela pequena e alta na lateral da porta. Não dava para ver muita coisa, eu praticamente só via meu próprio reflexo. Belisquei as bochechas para ficar um pouco mais corada e desejei ser adulta o suficiente para poder usar um pouco de batom. Pelo menos o inchaço ao redor de meus olhos tinha diminuído, embora o hematoma amarelo-esverdeado ainda estivesse visível. Eu estava

conseguindo enxergar bem; isso era o principal. Cabelos ondulados e grossos teriam escondido o resto. Mas... era preciso fazer o melhor com os recursos disponíveis.

— Estamos muito atrasadas? — a outra mulher perguntou. — Perdi um pé de sapato na lama.

Quando bati na porta, ela se abriu quase imediatamente, fazendo nós duas saltarmos para trás.

— Vocês estão atrasadas — afirmou a jovem à porta. Ela nos mediu de cima a baixo com olhos severos. Olhei para trás. Três semanas longe de casa e eu ainda não sabia me humilhar corretamente, independentemente do quanto apanhasse. Aquela garota autoritária – não muito mais velha do que eu – era toda angulosa, com um nariz tão pontudo que poderia servir para cortar queijo. Sempre gostei de queijo. Daquele tipo esfarelento que se coloca em saladas, ou o queijo cremoso que fica ótimo com pão fresco, ou aquele tipo forte com bolor verde que os velhos comem com bolachas...

— Não fiquem aí paradas! — A cara de navalha fez uma careta. — Entrem! Limpem os sapatos! Não toquem em nada!

Entramos. Eu tinha conseguido. Estava ali... no imponentemente intitulado Estúdio Superior de Costura, também conhecido como oficina de costura. Minha ideia de paraíso. No instante em que soube que havia trabalho naquele lugar, sabia que tinha de consegui-lo.

Dentro da oficina, contei cerca de vinte cabeças curvadas sobre máquinas barulhentas, como personagens de um conto de fadas dominados por um feitiço. Estavam todas limpas; notei logo de cara. Usavam jalecos marrons simples – melhores do que o trapo que ficava escorregando dos meus ombros, isso era certo. Mesas de madeira branquíssimas estavam cobertas com moldes e linhas. Em um canto havia prateleiras cheias de tecidos de tantas cores inesperadas que tive de piscar. Em outro canto, um grupo de manequins sem cabeça e sem membros. Ouvi o chiado e as batidas metálicas de um ferro pesado e vi pedacinhos de fios flutuando no ar como insetos preguiçosos.

Ninguém tirava os olhos do trabalho. Todas costuravam como se sua vida dependesse disso.

— Tesoura! — alguém gritou ali perto. A operária que ocupava a máquina mais próxima nem sequer parou. Seu pé continuou trabalhando no pedal e ela passou o tecido sob a agulha ao mesmo tempo que pegava a tesoura. Vi o objeto seguir pela mesa, de mão em mão, até cortar um pedaço de *tweed* verde-floresta.

A garota impetuosa que tinha aberto a porta estalou os dedos na frente do meu rosto.

— Preste atenção! Meu nome é Mina. Estou no comando aqui. Sou *A Chefe*, entenderam?

Fiz que sim com a cabeça. A mulher que tinha entrado comigo apenas piscou e arrastou os pés com um sapato só. Ela era bem velha – uns vinte e cinco anos – e assustada como um coelho. Coelhos dão boas luvas. Já tive chinelos forrados com pele de coelho. Eram muito confortáveis. Eu não sabia o que tinha acontecido com o coelho. Acho que foi parar em um cozido...

Estalo! Escapei da lembrança. Precisava me concentrar.

— Ouçam com atenção — Mina ordenou. — Não vou repetir depois, e... — *Bam!* A porta se abriu mais uma vez. A brisa da primavera soprou mais uma garota para dentro, os ombros arqueados e as bochechas arredondadas como um esquilo que acabou de encontrar um monte de nozes.

— Me desculpe...

A recém-chegada abriu um sorriso tímido e olhou para os sapatos. Olhei para eles também. Ela tinha percebido que os pés não pertenciam ao mesmo par, certo? Um era uma sapatilha verde-clara de cetim com fivela de metal, o outro era um sapato social marrom com cadarços quebrados. A todas nós, foram jogados sapatos aleatórios quando chegamos... Aquele esquilhinho não tinha nem conseguido barganhar um par compatível? Dava para ver logo de cara que ela seria inútil. Seu sotaque era extremamente, extremamente... *você sabe*. Requentado.

— Estou atrasada — ela disse.

— Sério? — Mina respondeu. — Parece que há uma *dama* entre nós. Que gentileza se juntar a nós hoje, *madame*. Como posso servi-la?

— Disseram que abriu uma vaga repentina no Estúdio de Costura — respondeu a Esquila. — Que vocês precisavam de boas operárias.

— E preciso mesmo! Costureiras de verdade, não damas petulantes. Você me parece aquele tipo de mimadinha que ficava sentada em uma almofada bordando saquinhos de lavanda e outras frivolidades inúteis. Estou certa?

A Esquila não parecia se ofender, por mais que Mina a ridicularizasse.

— Eu sei bordar — ela disse.

— Você vai fazer o que eu mandar! — respondeu Mina. — Número?

A Esquila juntou bem os pés. Como conseguia ficar tão aprumada com calçados diferentes? Ela *não* era o tipo de garota com quem eu costumava me misturar. Apesar de estar tão malvestida, provavelmente achava que eu era simplória demais. Inferior a ela.

Ela recitou seu número com uma enunciação perfeita. Aqui, usavam-se apenas números, nada de nomes. Coelha e eu dissemos nossos números também. A Coelha gaguejou um pouco.

Mina torceu o nariz.

— Você! — Ela apontou para a Coelha. — O que você sabe fazer?

A Coelha tremeu.

— Eu... eu costuro.

— Idiota! É claro que você costura, ou não estaria aqui. Não convoquei costureiras que não sabem costurar, não é? Isso aqui não é uma desculpa para evitar trabalhos mais pesados! Você pelo menos costura bem?

— Eu... eu costurava em casa. As roupas dos meus filhos. — Ela franziu o rosto como um lenço usado.

— Ai, meu deus. Você não vai chorar, vai? Não suporto gente chorona. E *ocê*? — Mina se virou e olhou feio para mim. Eu me encolhi como *chiffon* sob um ferro quente demais. — Você tem idade suficiente para estar aqui? — ela perguntou em tom de zombaria.

— *Dezesseis* — respondeu a Esquila repentinamente. — Ela tem dezesseis anos. Ela disse isso antes.

— Não perguntei para você. Perguntei para *ela*.

Engoli em seco. Dezesseis era o número mágico. Se eu fosse mais nova, seria inútil.

— Ela... hum... tem razão. Tenho dezesseis anos. — Bem, eu teria. Algum dia.

Mina riu.

— E, me deixe adivinhar, você costura vestidos para bonecas e deve saber pregar um botão, mas só depois de terminar o dever de casa. Sinceramente! Por que eles desperdiçam meu tempo com essas cretinas? Não preciso de colegiais. *Saia!*

— Não, espere, eu posso ser útil. Eu sou, hum...

— Você é o quê? Filhinha da mamãe? Queridinha da professora? Um desperdício de espaço? — Mina começou a se afastar, fazendo um gesto de desdém com os dedos.

Era isso? Minha primeira entrevista de emprego tinha sido um fracasso. Um desastre! Aquilo significava voltar para... o quê? Na melhor das hipóteses para um trabalho limpando cozinha ou lavando roupa. Na pior das hipóteses, trabalho na pedreira ou... trabalho nenhum, que era a pior coisa que poderia acontecer. Não pense nisso. *Concentre-se*, Ella!

Minha avó, que tem um lema para cada ocasião, sempre diz: *Quando estiver em dúvida, levante a cabeça, endireite os ombros e seja rebelde*. Então me aprumei até ficar com o corpo todo reto – e eu era bem alta – respirei fundo e declarei:

— Sou cortadora!

Mina olhou para mim.

— Você? Cortadora?

A cortadora era uma costureira extremamente habilidosa, responsável por criar as formas que se transformariam nas peças de roupa. Não existia boa costura no mundo capaz de salvar um item de vestuário cujos moldes tivessem sido feitos por uma cortadora ruim. Uma *boa* cortadora valia seu peso em ouro. Ou pelo menos era o que eu esperava. Eu não precisava de ouro. Só precisava daquele trabalho, custasse o que custasse. Era o trabalho dos sonhos, afinal – se fosse possível sonhar em um lugar como este.

Até aquela altura, as outras operárias haviam nos ignorado. Agora, eu tinha a impressão de que estavam ouvindo o tempo todo. Sem perder um ponto, estavam esperando para ver o que aconteceria em seguida.

— Sim — continuei. — Com certeza. Sou modelista, cortadora e costureira profissional. Eu... faço meus próprios modelos. Um dia vou ter minha própria loja de roupas.

— Um dia você vai... Rá! Que piada — Mina zombou.

A mulher que operava a máquina mais próxima falou sem nem tirar os alfinetes da boca:

— Precisamos de uma boa cortadora, já que Rhoda adoeceu e saiu — ela murmurou.

Mina acenou lentamente com a cabeça.

— É verdade. Certo. Eis o que vai acontecer. Você, princesa, pode passar as roupas e fazer a limpeza. Essas suas mãos macias precisam ficar mais firmes.

— Não sou princesa — respondeu a Esquila.

— Ande!

Mina olhou para mim e para a Coelhoha de cima a baixo.

— Quanto a vocês, suas costureiras medíocres, podem fazer um teste. Vou ser franca: só tem vaga para uma das duas. *Só uma*, entenderam? E eu mando as duas embora se não corresponderem aos meus altos padrões. *Eu* me qualifiquei nos melhores lugares.

— Não vou decepcionar você — eu disse.

Mina pegou algo em uma pilha de roupas ao lado e jogou para a Coelhoha. Era uma blusa de linho, tingida em um tom de verde-menta tão fresco que praticamente dava para sentir o sabor na língua.

Mina deu a ordem:

— Descosture isso e solte um pouco. É para uma cliente, a esposa de um oficial, que se enche de creme, então é mais redonda do que pensa que é.

Creme... ah, creme! Da jarra verde florida de minha avó, derramado sobre morangos...

Dei uma olhada na etiqueta na parte interna da gola da blusa. Meu coração quase parou de bater. Era o nome elegantemente grafado de uma das casas de alta-costura mais veneradas do mundo. O tipo de lugar cujas vitrines eu nem ousaria olhar.

— E *ocê*... — Mina colocou um pedaço de papel na palma da minha mão — outra cliente, Carla, pediu um vestido. Semiformal, para um concerto de música ou algo assim no fim de semana. Aqui estão as medidas

dela. Memorize-as, pois quero o papel de volta. Pode usar o manequim número quatro. Pegue o tecido ali.

— O quê...?

— Escolha algo que combine com uma loira. Limpe-se primeiro naquela pia e coloque um jaleco. Nesta oficina, limpeza é essencial. Nada de marcas de dedos encardidos no tecido, nada de manchas de sangue ou poeira. Entendido?

Fiz que sim com a cabeça, tentando desesperadamente não chorar.

Mina curvou para cima os lábios finos.

— Acha que *eu* sou severa? — Ela me encarou com os olhos semi-cerrados e apontou com a cabeça para a outra ponta da sala. — Apenas se lembre de quem está naquele canto.

Nos fundos da oficina havia uma figura obscura encostada na parede, cutucando as cutículas. Olhei uma vez e desviei os olhos.

— E então? — disse Mina. — O que está esperando? A primeira prova é às quatro horas.

— Quer que eu faça um vestido do zero antes das quatro horas? É...

— Difícil demais? Cedo demais? — ela perguntou em tom de zombaria.

— É possível. Tudo bem.

— Então ande logo, estudante. E, lembre-se, estou esperando que você faça um belo de um estrago.

— Meu nome é Ella — informei.

Não me importa, disse sua expressão indiferente.

A pia da sala de trabalho era uma daquelas peças enormes de cerâmica com marcas esverdeadas sob as torneiras, onde os canos vazavam. O sabão quase não fazia espuma, mas era melhor do que nada – que era o que eu tivera nas últimas três semanas. Havia até uma toalha – uma *toalha!* – para secar as mãos. Ver água limpa saindo de uma torneira era fascinante.

A Esquila, bem atrás de mim aguardando sua vez, disse:

— Parece prata líquida, não parece?

— Shh! — Franzii a testa, com medo da sombra da figura obscura do outro lado da sala.

Lavei as mãos sem pressa. A Esquila podia esperar. Mesmo eu não sendo requintada como ela, sabia como era fundamental estar limpa e apresentável. A aparência era importante. Quando eu era criança, minha avó sempre fazia um barulho de reprovação com a boca se eu chegasse com mãos encardidas e unhas sujas, ou com uma sujeira suspeita em cantos escondidos. *Dá para plantar batatas atrás das suas orelhas!*, ela dizia se eu não me esfregasse bem com a flanela.

Mãos limpas são sinônimo de trabalho limpo, era outro de seus lemas.

Ela também gostava de murmurar: *Quem guarda sempre tem*. E, se alguém acabava falando o que não devia, ela dava de ombros e dizia: *O peixe morre pela boca!*

Nunca gostei muito de peixe, a casa ficava com cheiro ruim por dias após o preparo de certas receitas, e eles sempre tinham espinhas, mesmo quando minha avó dizia: *Não se preocupe, não tem espinhas*. Então eu começava a comer pela parte carnuda e logo engasgava com uma espinha fininha presa no fundo da garganta. Era preciso levantar o guardanapo para retirá-la sem revoltar todos que estavam sentados à mesa. Eu a colocava no canto do prato e tentava não olhar para ela pelo restante da refeição. Mas sabia que estava lá.

Desde que eu chegara a Birchwood, já tinha decidido que só veria as coisas que queria ver. Todos os segundos de minhas primeiras três semanas ali tinham sido horríveis – muito piores que espinhas de peixe. Era como se eu fosse um *golem* – uma garota sem alma – jogado de um lado para o outro, esperando, levantando, agachando. Eu não tinha palavras para fazer perguntas sobre o que era esse lugar, ou o que acontecia aqui. E não queria mesmo saber as respostas. Agora, na oficina de costura, eu finalmente me sentia humana de novo. Respirava ar fresco. Esquecia o resto da realidade. Se eu estreitasse bem minha mente, poderia acreditar que não existia mais nada no mundo além de fazer esse vestido para minha cliente Carla. Por onde começar?

Uma prova às quatro horas. Simplesmente não era possível. Não dava para desenhar, cortar, alfinetar, alinhavar, costurar, passar e finalizar. Eu estragaria tudo, exatamente como Mina tinha previsto. Eu fracassaria.

Não pense em fracasso, minha avó diria. Você é capaz de fazer tudo que bota na cabeça. Tudo. Menos bolos. Seus bolos são horríveis.

Enquanto estava lá parada, prestes a entrar em pânico, senti olhos sobre mim. Era a Esquila, perto da tábua de passar. Devia estar rindo de mim. Por que não estaria?

Virei as costas para ela e segui, com meus sapatos grandes demais que faziam barulho quando eu andava, até as prateleiras de tecidos... e logo esqueci de Mina e suas ameaças. Era tão maravilhoso ver cores que não eram *marrom*: três semanas apenas vendo marrom-madeira, marrom-lama e outros tons de marrom horríveis demais para mencionar.

Agora havia rios de material para meus dedos tocarem. Mina tinha dito que Carla era loira. Longe do marrom de Birchwood, o verde ganhou em espaço em minha cabeça: uma boa cor para loiras. Puxei rolos e fardos de tecido, procurando o tom perfeito. Havia veludo verde-musgo. Tule com paetês prateados no tom da grama sob o luar. Algodão com estampa de folhas. Fitas de cetim repletas de brilho... E o meu preferido – uma seda esmeralda que ondulava como a água tocada pela luz que atravessa as folhas das árvores.

Eu já podia visualizar o vestido que faria. Minhas mãos começaram a esboçar formas no ar, a ponta dos dedos tocava ombros invisíveis, costuras e as dobras da saia. Olhei à minha volta. Precisava de coisas. Uma mesa e papel. Um lápis, alfinetes, tesoura, agulha, linha, máquina de costura, café da manhã – *minha nossa, como eu estava com fome...*

— Com licença. — Puxei a manga de uma garota magra como um graveto. — Pode me dizer onde eu consigo...

— Shh — a garota disse. Ela colocou dois dedos diante dos lábios e imitou um zíper os fechando. Tinha mãos extremamente elegantes, como as de um anúncio de esmalte, mas sem o esmalte.

Abri a boca para perguntar por que era proibido falar, mas logo pensei melhor. A figura obscura no canto não parecia estar olhando, nem ouvindo, mas era difícil ter certeza...

A garota magra – eu a apelidei de Girafa – fez sinal para eu a acompanhar ao longo de fileiras de operárias até a outra ponta de uma mesa.

Ela apontou para um banquinho vazio. Já havia três mulheres sentadas ali. Elas se apertaram para abrir espaço para mim. Uma delas era a Coelho. Estava nervosa, virando a blusa verde-menta do avesso e observando as costuras.

Sentei-me com minha seda. Agora precisava fazer um molde. Uma garota mais adiante na mesa tinha uma bobina de papel para molde e um toco de lápis. Respirei fundo. Levantei. Fiz sinal de que queria o papel. A garota se arrepiou tal qual um ouriço. Arrastou o papel para mais perto dela. Coloquei a mão sobre o rolo e o arrastei com força. A Ouriço o puxou. Eu puxei para o meu lado. Venci. Peguei o lápis também.

Mina estava olhando. Será que imaginei ter visto um sorriso? Ela deu um pequeno aceno com a cabeça, como se dissesse: *Isso, é assim que as coisas funcionam por aqui.*

Desenrolei o papel. Era pardo, com brilho de um lado e levemente listrado do outro. O tipo de papel que se usava para embrulhar linguças. Belas linguças gordinhas com pedaços de cebola picada, ou às vezes com tomate, bem vermelhas na frigideira. Ou linguças com ervas, salpicadas com manjeriço e tomilho...

Meu estômago roncava.

Minha avó sempre usava jornal para os moldes. Ela era capaz de esboçar um vestido completo ou um terno em segundos, direto sobre as páginas da gazeta local. Depois cortava as manchetes, os anúncios de tônicos medicinais e as cotações diárias do mercado de bovinos. Nunca era preciso fazer mais que uma prova com os moldes de minha avó. Já eu tinha que forçar um pouco a vista e fazer alguns testes primeiro. Normalmente, minha avó espiava por cima do meu ombro enquanto eu cortava. Agora eu estava sozinha. Dava para ouvir um relógio tiquetaqueando em minha cabeça. Primeira prova às quatro horas...

Certo. O molde estava pronto.

— Ei — sussurrou uma das mulheres curvadas sobre a mesa à minha frente. Ela era larga e atarracada, tinha a pele manchada, então, em minha cabeça, eu a chamei de Rã. — Pode guardar as aparas de papel para mim? — ela perguntou.

Vi que a Rã estava ocupada fazendo casas de botões em um casaco de lã cor de maçã verde. Era o tipo de casaco perfeito para a primavera, quando não dá para saber se o tempo vai estar bom ou um pouco frio. Nós tínhamos uma macieira no jardim da frente de casa. Sempre parecia demorar uma *eternidade* até as flores darem lugar aos frutos. Um ano, os galhos estavam carregados de frutas gordas e se curvavam como minhas costas enquanto eu costurava. Fizemos *crumble* de maçã coberto com açúcar caramelizado, folhados de maçã e até sidra de maçã, que me provocou soluços devido ao gás. Quando a Guerra começou, um de nossos vizinhos cortou a árvore para fazer lenha. Disse que Nossa Laia não precisava de árvores.

— O papel? — a Rã interrompeu meus pensamentos.

Olhei ao redor. Será que era permitido guardar aparas de papel? Antes que eu soubesse como responder, a Rã fez cara feia para mim e se virou.

Engoli em seco e pedi com a voz rouca:

— Tesoura! — Então disse mais alto: — Tesoura!

Como eu tinha visto antes, uma tesoura afiada para tecido foi passada – lentamente – pelas mesas. Era uma boa tesoura de aço com anéis duplos. Minha avó teria aprovado.

Engoli em seco novamente.

— Alfinetes?

Eu já tinha visto a lata de alfinetes de Mina no bolso de seu jaleco. Ela se aproximou. Tirou vinte. Eu lhe disse que precisava de mais.

— Minha avó diz que é melhor colocar alfinetes de cima a baixo para a seda não sair do lugar.

— Você vai fazer o vestido em *seda*? — Mina perguntou como se eu tivesse assinado minha própria sentença de morte. — Não estrague tudo!

Ela torceu o nariz e saiu. Eu a invejava. Ela tinha uma sala cheia de gente se contorcendo para seguir suas ordens. Além de sapatos decentes, um vestido relativamente bom sob o jaleco e *batom*. Aqui, ela era conhecida como Proeminente. Proeminentes tinham privilégios e poder – poder suficiente para comandar o restante de nós. Alguns Proeminentes tentavam ser justos. A maioria adorava abusar do poder, exatamente como aqueles valentões da escola que achavam que acabar

com os outros os tornava maiores e melhores. Na natureza, se Mina fosse um animal, seria um tubarão, e nós seríamos todos os peixes pequenos de seu oceano. Peixes pequenos são devorados. Tubarões sobrevivem. Era melhor ser predador que presa, certo?

Os alfinetes não eram do tipo certo. Não eram os alfinetes miudinhos que minha avó me ensinou a usar na seda, então preferi não arriscar usar muitos, por medo de deixarem buracos. A tesoura também me aterrorizou. Normalmente, eu amava o som da tesoura cortando e a ansiedade animada que o acompanhava. Dessa vez, senti apenas medo. Depois que o tecido fosse cortado, não haveria como voltar atrás. Era preciso ter certeza antes de passar as lâminas brilhantes pelo pano.

Apoiei as mãos espalmadas sobre a mesa até pararem de tremer. Estava em pé para fazer o corte, mas minhas pernas pareciam fracas. Minha avó gostava de fazer o corte no chão, onde havia mais espaço. Eu não achava que o assoalho da oficina de costura estava limpo o bastante para isso. Preferi estender a seda sobre a mesa, prendi o molde, marquei pences e pregas... e me preparei para o feito...

Quando começar a cortar, use o meio das lâminas da tesoura e corte com movimentos longos e regulares. Se ao menos fosse fácil assim. O tecido deslizava como cobra no mato, serpeando entre as folhas, procurando um rato para comer. Não havia ratos na sala de trabalho – nenhuma migalha os atraía. Não havia comida para nós também. Apenas ar, fiapos e um toque de poeira.

A Coelha olhava para a tesoura. Sorrateiramente, suas mãos atravessaram a bancada na direção dela. Eu a segurei e comecei a cortar fios soltos imaginários. A Coelha engoliu em seco e sussurrou:

— Por favor, eu posso...?

Fingi não ouvir. Não sei por quê. Quando não dava mais para proterlar, passei a tesoura a ela.

— Obrigada — ela balbuciou, como se eu fosse o espírito do altruísmo.

Fiquei aflita ao vê-la cortando a blusa de alta-costura grosseiramente. A peça tinha uma gola de renda branca sobre o verde, como flores de cerefólio em uma cerca viva.

Quando terminei de cortar e montar o vestido, imaginei que já fosse de tarde. Não havia almoço em Birchwood, então nada marcava o meio do dia. Quando eu trabalhava ao ar livre, só sabia que era meio-dia quando o sol ficava mais alto e mais quente. Era a metade do tempo entre o desjejum e o jantar. Na sala de costura sem relógio, o tempo era marcado pelo retinir das tesouras batendo na madeira, pelo suspiro da linha puxada pela agulha e pelo incansável ruído das máquinas. De vez em quando ouvia-se o tilintar de metal caindo no chão e Mina gritava “Alfinete!”. A suas costas, as outras operárias reviravam os olhos e zombavam dela em silêncio, murmurando em eco “*Alfinete! Alfinete! Alfinete!*”.

A figura obscura do outro lado da sala mal se mexia. Acho que ela devia ter adormecido.

De repente, Mina estava atrás de mim.

— Já terminou, estudante?

— Está tudo alinhavado, pronto para costurar — respondi.

Mina apontou para uma máquina de costura. Minhas mãos tremiam enquanto eu preparava o carretel e passava a linha pela agulha.

Primeira prova às quatro horas... Apertei o pedal com o pé, pronta para dar andamento ao serviço. A agulha subiu e desceu – rápido demais! A linha enroscou. Meu rosto ficou corado. Mas nenhum estrago havia sido feito ainda.

Tentei de novo. Melhor. Verifiquei a tensão da linha, fiz alguns ajustes, respirei fundo e comecei.

Era um som familiar – a batida das partes de metal se movimentando juntas. Uma parte de mim sentia-se transportada para casa, para a sala de costura de minha avó. Ah, se fosse assim tão fácil chegar lá. Eu costumava brincar no chão enquanto minha avó costurava, pegando alfinetes e pedacinhos de linha. Minha avó chamava sua máquina de costura de Betty. Betty era velha. Praticamente uma obra de arte. Era pintada com tinta esmaltada preta e padrões dourados, e tinha o nome de minha avó gravado nela. Minha avó pisava no pedal com seus chinelos preferidos, forrados com pelos e com uma abertura na frente para não apertar seus pés inchados. Quando ela costurava, o tecido parecia conduzir a si

mesmo em linha reta até a agulha. Eu ainda não tinha esse toque mágico. Nem minha avó por perto para ajudar.

Uma lágrima caiu. Ela transformou a seda em um verde escuro, venenoso. Funguei. Não havia nenhum lencinho. Não era uma boa hora para lembranças. Melhor apenas costurar, uma emenda, uma pence por vez. Primeiro as peças do corpete, depois as da saia, das mangas e das ombreiras.

Depois de toda a costura, saí da máquina e fui até a Esquila na tábua de passar. Passar com frequência é o segredo para uma peça de roupa bem-feita – qualquer iniciante sabe disso. O ferro de passar da oficina tinha um cabo longo que pendia do teto. Torci para o ferro não queimar ou enrugar a seda, principalmente porque a Esquila parecia não saber direito o que estava fazendo com ele. Provavelmente nunca havia feito nenhum serviço doméstico na vida.

Você nunca passou roupa?, balbuciei da primeira vez que fui até lá.

A Esquila abriu um sorriso triste e fez que não com a cabeça. Ela movimentou a boca, querendo dizer: *O ferro é pesado. É quente.*

Fingi surpresa: *Quem poderia imaginar?!*

A Esquila estendeu as mãos para pegar minha seda. Cuspiu no ferro para estimar a temperatura em que estava. A saliva chiou. Ela diminuiu o termostato. Quando de fato começou a passar as peças para mim, seu manuseio foi notavelmente leve e eficiente.

Balbuciei: *Obrigada.*

Ela estendeu a mão, esperando o pagamento. Depois riu da minha cara.

— Estou brincando. Meu nome é Rose — ela sussurrou.

Ouvir um nome em vez de um número era como puxar um laço de fita para desembulhar um presente precioso.

— Ella.

— Eu não sou nenhuma princesa.

— Nem eu.

— Apenas condessa. — Rose sorriu.

Mina tossiu. De volta ao trabalho.

A cada poucos minutos, eu dava uma espiada na Coelha. Ela estava costurando com o corpo todo inclinado, focada. Minha nossa – ela não

tinha notado? Tinha soltado as costuras corretamente, mas pregado as mangas *do lado contrário*. Estavam dobradas como se os braços estivessem quebrados.

— Ei! — Eu não sabia o nome dela (e ela provavelmente não responderia se eu a chamasse de Coelha). — Ei, você? — Ela levantou os olhos.

Então lembrei do alerta de Mina: *Só tem vaga para uma das duas*.

Tinha que ser eu. Eu *não* ficaria rolando na lama como os outros, apenas mais uma anônima. Eu tinha habilidades. Talento. Ambição. Será que não *merecia* ter um bom trabalho e uma chance de crescer? Minha avó não ia querer que eu fracassasse. Ela estava esperando eu voltar para casa. Eu precisava sobreviver e prosperar. A Coelha teria de se virar sozinha. Então tirei os olhos da blusa arruinada e balancei a cabeça — *Não é nada*.

A Coelha continuou destruindo seu trabalho. Com os plissados de meu vestido passados, coloquei um zíper lateral e comecei a costurar à mão o decote mais elegante de todos. Minha cabeça começou a baixar cada vez mais. Seria tão fácil simplesmente fechar os olhos e tirar uma soneca. Quando foi a última vez que dormi direito? Havia mais de três semanas. Talvez uma sonequinha não fizesse mal... *Ah!* Alguém me empurrou para me acordar. Quanto tempo eu havia dormido? Um minuto? Cem anos? Olhei ao redor. Rose, a esquila, estava passando por mim. Ela balbuciou: *Quase quatro horas*.

Quase quatro horas! Apressei-me com a costura. Ainda estava tirando os fios do alinhavo quando Mina se aproximou.

— E então, moças, como foi seu primeiro, e provavelmente último, dia de trabalho aqui? Mostre o vestido, estudante.

Sacudi a peça e a entreguei a ela. Estava uma bagunça. Um trapo. Parecia um pano de prato, e não um vestido. A *pior* coisa já produzida na história do corte e costura. Eu sabia que as outras operárias estavam observando. Não conseguia respirar.

Em silêncio, Mina analisou cada centímetro da seda esmeralda. Em silêncio, ela levantou o vestido, sacudiu-o e observou-o contra a luz.

— Quem diria? — ela finalmente disse. — Você *sabe* costurar. E até que bem. Eu já deveria saber. Eu me qualifiquei nos melhores lugares.

Ela estalou os dedos para ver a blusa em seguida.

A Coelha estava com tanto medo que suas mãos mal soltaram o tecido. Ela notou seu terrível erro com as mangas exatamente no mesmo instante que Mina.

— Desculpe, desculpe — a Coelha disse, em pânico. — Eu sei... as mangas... ao contrário... posso consertar. Não vou fazer de novo, prometo. Por favor, me deixe ficar.

A voz de Mina era grave e perigosa.

— Eu disse como seria... só tem vaga para uma das duas. Não é verdade, estudante?

Meu coração estava acelerado. Eu queria explicar que tinha sido apenas um acidente – a mulher estava cansada, nervosa, não estava em sua melhor forma. As palavras estavam presas em minha garganta, como acontece em um sonho, quando é preciso pedir ajuda. Mesmo tomada pela vergonha, eu não disse nada.

— Foi um acidente — disse uma voz tímida. — Ela disse que não vai fazer de novo.

A Esquila estava bem atrás de Mina, pequena, atenta, pronta para sair correndo.

Mina ignorou Rose, como se ela realmente fosse uma roedora guinchando.

— Saia daqui, sua idiota! — ela gritou para a Coelha. — Ou vou ter que te botar para fora? — Ela levantou a mão e deu um passo para a frente. A figura obscura no outro lado da sala se movimentou e se esticou.

Pálida de medo, a Coelha correu para a porta e desapareceu. Todas nós só observamos, quase seguras em nosso santuário.

Quando a porta que levava para fora voltou a se fechar, Mina soltou um suspiro que dizia: *Vocês não percebem como minha vida é difícil?*

Em seguida, ela pegou meu vestido verde e foi até outra porta na extremidade oposta da sala de costura. Só podia ser o provador. Minha cliente, Carla, experimentaria o vestido e então eu saberia se tinha conseguido o emprego ou não.

Sussurrei para a Rã:

— O que... o que vai acontecer com ela? Com aquela mulher que acabou de sair?

A Rã nem tirou os olhos da lã cor de maçã verde.

— E quem sabe? Talvez o mesmo que aconteceu com Rhoda, a mulher cujo lugar você espera ocupar.

Esperei. A Rã não disse mais nada. Ela continuou costurando, um ponto atrás do outro. Mina saiu do provador. Meus olhos a acompanhavam enquanto ela se movimentava como um tubarão entre as mesas, em minha direção. Levantei tão rápido que minha banqueteta caiu.

— *Alfinetes!* — ela exigiu.

Tateei sobre a mesa. Mina abriu a caixa de alfinetes e eu contei vinte e os coloquei de volta lá dentro. Em seguida, ela recolheu toda sobra de tecido e papel. A Rã fez cara feia – sem chance de ficar com minhas aparas de papel agora. Fiquei me perguntando para que ela queria aquilo.

Mina me olhou de cima a baixo. Ser analisada por ela era como ter a alma esfregada com palha de aço. Finalmente, com relutância, ela acabou com meu sofrimento.

— A cliente disse que o vestido é encantador.

Suspirei aliviada.

— Como recompensa, ela me deu isso. Uma das vantagens desse trabalho, comida extra. — Mina desdobrou um pacote de papel. O embrulho continha uma fatia de pão preto com uma mísera camada de margarina. O dobro do tamanho de minha porção usual no jantar.

— Errr, obrigada, não estou com fome. — Por incrível que pareça, achei que meu estômago estava agitado demais para comer.

— Mentirosa! Você tomou... o quê? Uma caneca de café aguado e marrom no desjejum e vai tomar uma caneca de sopa aguada e marrom no jantar. Está faminta o suficiente para superar ataques de consciência estúpidos sobre aquela idiota incapaz que eu botei para fora. Faminta o suficiente para fazer o que for preciso para sobreviver por aqui. Acredite em mim, é o único jeito.

Ela sabia que eu tinha notado o erro da Coelha. Sabia por que eu não dissera nada. Ela aprovava.

Bem na minha frente, Mina comeu a fatia de pão inteira e lambeu os dedos. Ela disse:

— Observe e aprenda, *Ella*. Observe e aprenda.

Se é que dormi aquela noite, foi sonhando com vestidos verdes passando por mim em um desfile encantado.

As pessoas riem da moda. *São apenas roupas*, dizem.

Certo. Apenas roupas. Só que nenhuma das pessoas que eu vi zombando da moda estava nua naquele momento. Todas se vestiam pela manhã, escolhendo roupas que diziam: *Ei, sou um banqueiro de sucesso*. Ou, *Sou uma mãe ocupada*. Ou, *Sou um professor cansado... Um soldado condecorado... Um juiz pomposo... Uma garçonete atrevida... Um motorista de caminhão... Uma enfermeira...* A lista não tem fim. Roupas mostram quem você é, ou quem quer ser.

Então as pessoas podem dizer: *Por que você leva roupas tão a sério quando há coisas mais importantes para se preocupar, como a Guerra?*

Ah, eu estava preocupada com a Guerra, sem dúvida. A Guerra atrapalhou tudo. No mundo real, fora daqui, eu perdia horas na fila de mercados com prateleiras vazias. Mais horas escondida no porão quando os bombardeiros sobrevoavam. Aguentava inúmeras atualizações das notícias, e meu avô traçando linhas de batalha em um mapa preso à parede da cozinha. Eu sabia que a Guerra chegaria – as pessoas só falavam sobre isso havia meses. Aprendemos sobre a Guerra nas aulas de história da escola. A Guerra era algo que aconteceu com outras pessoas muito tempo antes.

Então ela chegou ao meu país. À minha cidade.

Foi a Guerra que me levou a Birchwood – conhecido, em um idioma mais severo, como Auschwitz Birkenau. O lugar a que todos chegam e do qual ninguém sai.

Aqui, as pessoas descobrem que roupas não são tão triviais, afinal. Principalmente quando não se tem nenhuma. A primeira coisa que Eles fizeram quando chegamos foi nos mandar tirar as roupas. Minutos após sair do trem, fomos divididos entre homens e mulheres. Eles nos

jogaram em uma sala e nos disseram para tirar a roupa. Bem ali. Com todos olhando. Não era permitido manter nem as roupas íntimas.

Nossas roupas foram dobradas em pilhas. Sem elas, não éramos mais banqueiros, professores, enfermeiras, garçonetes ou motoristas de caminhão. Éramos pessoas assustadas e humilhadas.

Apenas roupas.

Fiquei olhando para minha pilha de roupas dobradas. Memorizei a lã macia de meu suéter. Era meu suéter preferido, com bordado de cerejas, um presente de aniversário que ganhara da minha avó. Memorizei as dobras bem-feitas de minhas calças e meias, enroladas em par. Meu sutiã também – meu primeiro sutiã! – que eu tinha escondido junto com a calcinha para não ficarem à vista.

Depois, Eles tiraram nosso cabelo. Todo nosso cabelo. Rasparam os fios com navalhas cegas. Deram-nos triângulos de tecido fino como lenços para a cabeça. Obrigaram-nos a pegar sapatos em uma pilha alta como uma casa. Encontrei um par. Rose obviamente não havia tido essa sorte, ficando com uma sapatilha de cetim e um sapato social de couro.

Disseram que teríamos nossas roupas de volta depois de um banho. Mentiram. Recebemos vestidos retos com listras. Listrados, circulávamos como zebras em pânico. Não éramos mais pessoas, éramos números. Eles poderiam fazer o que quisessem conosco. Então não venha me dizer que roupas não importam.

— O que *você* pensa não importa! — exclamou Mina quando apareci na oficina no dia seguinte, com os olhos turvos por ter acordado antes do amanhecer. Estava prontíssima para costurar... mas descobri que me mandaram lustrar o chão do provador.

— Pensei que eu estava aqui para costurar, não para trabalhar como empregada — foi minha resposta.

O tapa veio tão rápido que nem deu para evitar. Uma palmada dura do lado de meu rosto que ainda não estava machucado. Fiquei tão surpresa que quase levantei a mão para revidar.

Os olhos de Mina brilhavam como se ela soubesse o que eu estava pensando. Aquilo era para mostrar quem era a Chefe. Certo. Era ela.

Lavei as mãos, vesti um jaleco marrom e fui pegar os produtos para lustrar o chão. Notei que Rose não estava na tábua de passar. Fiquei imaginando o que teria acontecido com ela. Era fraca demais para continuar na sala de costura, obviamente. Pessoas como ela eram muito legais, mas não tinham determinação. Não que eu me importasse, é claro. Não estava aqui para fazer amigas.

Quando abri a porta do provador, fiquei boquiaberta. Birchwood era tão vazio, tão inóspito, que quase esqueci que poderia haver coisas *agradáveis* em uma sala.

Para começar, havia uma adorável barra com pequenos pompons nos abajures... e luminárias de verdade, não apenas lâmpadas protegidas por uma gaiola de arame. Havia uma poltrona em um dos cantos. Uma poltrona *de verdade*, com frisos trançados e uma almofada verde-grama. Era uma almofada tão alta! Se eu fosse um gato, me deitaria sobre ela e só levantaria se alguém me oferecesse um pires de leite.

Belas cortinas de algodão ocultavam a vista das janelas. Papel de parede com estampa de peônias cobria o concreto. Ao redor da plataforma de prova, no centro da sala, tapetes de verdade e uma série de manequins de costura.

E o item mais luxuoso de todos, um espelho.

Era um espelho fantástico, de corpo inteiro, com a moldura pintada de branco com detalhes dourados. O tipo de espelho que se encontraria no provador da melhor casa de alta-costura da cidade. Eu conseguia me imaginar em um lugar assim, caminhando sobre tapetes macios para ver como meus vestidos ficavam em clientes ridiculamente ricas. Haveria uma lista de espera por minhas criações, é claro. Subordinados correndo para fazer o que eu mandasse. E bandejas de prata com bules de chá e pratos com bolos cor-de-rosa – aqueles bolinhos bem pequenos com açúcar de confeitiro...

— Olá, Ella...

Uma voz interrompeu meu devaneio. Virando-me, vi meu reflexo no espelho. Que espantinho! Roupas feias, sapatos idiotas, rosto machucado. Nenhum acessório glamoroso, apenas as flanelas de limpeza, um espanador amarelo e uma lata de cera de polimento. Ao meu lado

no reflexo estava a Esquila, Rose, segurando um balde de água fervente. Suas luvas estavam enroladas e suas mãos delicadas estavam em carne viva.

— Hoje me mandaram limpar as janelas! — ela disse alegremente, como se fosse um presente. — Só que não alcanço a parte de cima.

Ela era meio baixinha. Eu era alta para minha idade, e foi por isso que passei por dezesseis anos. Alta, mas nem um pouco curvilínea. Mesmo antes das porções para ratos que serviam aqui, eu lutava para encher um sutiã. As saias do uniforme escolar sempre ameaçavam escorregar de meus quadris estreitos, mesmo eu comendo e comendo e comendo.

Minha avó garantiu que eu ganharia forma.

Espera até fazer quarenta anos, ela dizia. Foi quando eu engordei.

Não havia muitas mulheres de quarenta anos ou mais em Birchwood. As que tinham essa idade pareciam ter oitenta. As jovens eram mais fortes – duravam mais. Contanto que não fosse jovem demais: dezesseis anos, no mínimo, como Rose havia me indicado no dia anterior. Senão... senão...

Então esqueci tudo sobre Rose e Coisas Impensáveis. Havia avistado uma pilha de revistas de moda espalhadas sobre uma mesa. *Mundo da Moda e Tendências da Moda*. Eram exatamente as mesmas que eram vendidas na banca de jornal perto da minha casa. A dona – uma mulher que parecia um hamster ansioso com brincos de ouro barulhentos – sempre guardava nos fundos uma cópia de cada título para mim e para a minha avó.

Em casa, minha avó e eu passávamos horas lendo essas revistas, esquecendo a Guerra enquanto virávamos as páginas juntas.

“A costura está muito próxima na parte de trás disso”, minha avó dizia, apontando para uma imagem, ou “coloque *esses* bolsos *naquele* vestido e vai ficar divino”. Ou, ao mesmo tempo, dizíamos em coro: “Que cor horrível!”, ou “Que roupa linda!”. Então ela fazia café em pequenas xícaras de porcelana – não tão forte quanto meu avô gostava – e acrescentava ao dela o líquido de uma garrafa verde que ficava na última prateleira da estante. “É para dar um pouco de vigor”, ela confessou.